

**“PORQUE LÁ DO FUNDO PARECEMOS TODOS IGUAIS, NÃO É?”:  
SOCIABILIDADES E APANHA DE AMÊIJOA NA CIDADE DO BARREIRO**

---

Sara Marisa da Costa Aranha<sup>1</sup>

**Resumo:** Na Margem Sul do rio Tejo, a apanha de amêijoa-japonesa representa uma oportunidade de rendimento e uma estratégia informal de subsistência praticada por migrantes e não migrantes. Com base num estudo etnográfico desenvolvido entre 2017 e 2018 nas praias fluviais da cidade do Barreiro, este artigo aponta para uma reflexão que procura compreender o que é construído em termos de adaptações de vida e convivalidades entre apanhadores com percursos de vida distintos numa situação comum de instabilidade. Questiona-se, por isso, de que forma estes apanhadores gerem as suas vidas apesar das contingências sociais e econômicas que nos direcionam para o atual estado da economia global.

**Palavras-chave:** Barreiro. Apanha da amêijoa. Sociabilidades.

**Abstract:** In the Southern Margin of the Tejo River, bivalve harvesting represents an income opportunity and an informal subsistence strategy practiced by migrants and non-migrants. Based on an ethnographic study conducted between 2017 and 2018 along the river beaches of Barreiro city, this article points to a reflection that seeks to understand what is built in terms of life adaptations and conviviality among catchers with different life paths experiencing a common situation of instability. Therefore, we question is how these seekers manage their lives despite the social and economic contingencies that lead to the current state of global economy.

**Key-words:** Barreiro. Clam Digging. Sociabilities.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Urbanos (2019) pela Universidade Nova de Lisboa/Portugal, sara.aranha@posteo.net.

### Prelúdio etnográfico

É quase uma da tarde e está um vento insuportável, mesmo agora na Primavera. Eu e M. estamos sentados na areia da praia de Alburrica<sup>2</sup>. Apesar de vazia, está repleta de pegadas, pequenos barcos, galochas de borracha, roupas estendidas a secar, sacos de plástico e bicicletas. Os sacos do lixo com as amêijoas continuam a fazer parte da paisagem das praias. Observamos a maré a vazar. Para nós, a baixa-mar não se assemelha a mais nenhuma paisagem. E quem a conhece sabe que as marés grandes são as marés boas<sup>3</sup>. Hoje é, por isso, um bom dia para se “estar na maré”. Tentamos distinguir os apanhadores ao longe pela forma como caminham e pelas cores das suas roupas: vermelhas, azuis, pretas. Os apanhadores hoje são muitos, mesmo com todo este frio. Raspam com os ancinhos<sup>4</sup> durante várias horas, e os que usam ganchorras<sup>5</sup> vestem os fatos de mergulho com as suas boias e redes: “olha o fio preso na rede”, grita uma apanhadora ao marido, este já no rio. M. já os consegue reconhecer ao longe. Estamos sentados há já algum tempo, mas sem pressa. Diz-me M: “Vou-te mostrar a casa dos pescadores, um lugar que as pessoas da nossa idade não conhecem e nem querem conhecer.” Pegamos na bicicleta e regressamos os dois até à Musa da Praia, escultura em madeira de frente para o rio e centro das atenções para quem ainda não conhece o bairro. Chegamos.

Figura 1 - A Musa da Praia de Alburrica.



Fonte: Sara Aranha, Junho de 2018.

<sup>2</sup> Praia fluvial no Barreiro

<sup>3</sup> Os apanhadores referem-se a “marés grandes” quando o nível da água desce durante um bom período de tempo. Ver informação registada pelo Instituto Hidrográfico em <https://www.hidrografico.pt>.

<sup>4</sup> Pequena ferramenta de metal muito usada pelos apanhadores para trabalhar de forma rápida e econômica.

<sup>5</sup> Ferramenta maior, com ganchos, que consegue capturar uma grande quantidade de amêijoas de uma só vez.

São cinco e meia da tarde e o sol faz-nos esquecer o frio desta zona. Procuramos abrigo numa das “varandas” das casas construídas pelos próprios apanhadores, em madeira. Casas pintadas à mão, de um azul sempre vivo apesar de existirem há mais de quarenta anos. Agora que muitos estão ainda na maré a trabalhar, o momento é calmo: descansa-se e joga-se às cartas. Eu e M. sentamo-nos uma vez mais a olhar para o rio e para os seus barcos. Apanhador e músico, M. conhece bem o dia-a-dia de quem escolheu o rio.

Sete da tarde: as mesas vão-se enchendo à medida que os apanhadores começam a chegar em grupos. Com botas até ao joelho, sacos de plástico à volta dos pés e com *collants* cortados em cima e à volta das botas para “não meter água”, muitos começam a lavar as amêijoas nos bicos de água que se encontram aqui. Apesar do bom humor, os discursos sobre os perigos no rio e o frio são uma constante, tais como: “Sabes que não podes entrar lá pelo meio por causa dos olheiros<sup>6</sup>, tens que contornar pela borda!” – diz L. a M. O comprador chega, um dos apanhadores larga as amêijoas no crivo<sup>7</sup> para separar a amêijoa grande, que vale mais, da pequena, que vale menos ou que não é vendida. Guardam as amêijoas na rede e pesam.

Tentamos adivinhar o peso de cada saco: “quem acertar oferece os cafés” – diz P., o comprador. O dinheiro é logo entregue em mão. Lavam-se novamente as amêijoas, já dentro da rede. É um momento de venda e de partilha, trocam-se relatos e cafés, e observa-se o que cada um vendeu: “Vens vender batatas? – perguntam ironicamente, referindo-se às amêijoas. M. aponta-me os pontos de encontro daquele lugar: as mesas perto da margem do rio, os bicos de água, o bar. “As pessoas juntam-se à mesa e no bar para comer, conversar, jogar cartas e beber – observa, enquanto conversamos – e juntam-se nos bicos de água para se limparem ou para lavar e vender as amêijoas”. Acaba-se a venda. Trocam-se as roupas molhadas pelas que já estavam ao sol a secar e muda-se de sapatos. Amanhã a maré começa a baixar às 9h30. “Vens também amanhã para a apanha da batata?” – perguntam-me.

Fim do prelúdio

Este é um relato baseado numa experiência pessoal durante um dia de convívio, de apanha e venda de amêijoa-japonesa. Pretende ser, por isso, um exercício visual para imaginarmos as pessoas, o tempo e o lugar onde este trabalho de campo decorreu.

---

<sup>6</sup> Zona no rio muito lamacenta, e, por isso, bastante perigosa para este trabalho.

<sup>7</sup> Pequena caixa que permite filtrar as amêijoas por tamanho.

Quem são estes apanhadores? Esta investigação é o resultado de uma relação e percepção com aqueles que têm estado lá, nas praias fluviais do Barreiro. Espera-se que a partir de algumas das descrições que compõem este artigo seja possível compreender algumas destas opções de vida.

## Introdução

Nos últimos vinte anos, a amêijoa-japonesa constitui-se como um recurso valioso para centenas de pessoas na cidade do Barreiro. Podendo atingir os 12 euros/quilo, a multiplicação da amêijoa-japonesa tem encorajado vários circuitos informais, representando uma oportunidade de rendimento de fácil acesso para muitos destes apanhadores, e única solução viável face ao desemprego e à precariedade. Entre as vendas diárias e a acumulação com outros “biscates”<sup>8</sup> esporádicos, o percurso de vida destes apanhadores<sup>9</sup> relembra-nos o carácter necessário de se criar o “próprio emprego” para subsistir. Também por isso, os recursos do rio tornam-se mercadorias valiosas num contexto de instabilidade econômica e uma oportunidade de rendimento eficaz num mundo global feito de impermanência.

Assim, este artigo propõe como contributo uma abordagem empírica para pensar de que forma a reestruturação das cidades na economia global atual afeta os cotidianos de vida de certos indivíduos e grupos, levando-os a criar – voluntária e involuntariamente – novas realidades. Procura ainda realçar o papel de certos laços humanos nas estratégias de adaptação social e econômica. Como foi possível observar, os encontros improváveis<sup>10</sup> relembram-nos o que são as possibilidades de coabitações em situações comuns de ruptura, apesar dos crescentes populismos. Aqui, recordamo-nos da intersubjetividade que é o mundo partilhado, “de viver no mundo e de atender ao mundo” e que a antropologia não esquece, (Hastrup, 2004, p. 456 *apud* Mapril e Matos Viegas, 2012, p. 517).

---

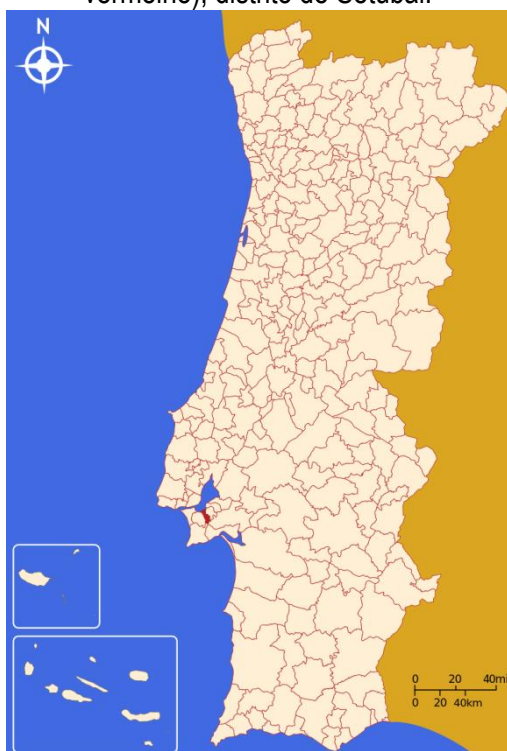
<sup>8</sup> Termo em português do Brasil para designar “Pequeno serviço remunerado que se faz para além do trabalho habitual. = BICO, BISCATO, EXTRA. in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/biscate> [consultado em 28-12-2019].

<sup>9</sup> Residentes autóctones ou vindos de múltiplas regiões de Portugal, como o Alentejo e o Algarve, migrantes do leste da Europa e ainda muitos de origem guineense.

<sup>10</sup> Sobre este tema ver Mapril e Matos Viegas, 2012.

## A cidade do Barreiro

**Figura 2 - A cidade do Barreiro (em vermelho), distrito de Setúbal.**



Fonte: Wikipédia, 2020

A cidade do Barreiro é uma antiga aldeia ribeirinha intitulada Vila, em 1521. Com atividades desde sempre ligadas à pesca, salicultura e moagem, é uma cidade que vai crescendo à beira do rio, servindo como lugar de passagem de forasteiros entre o Norte e o Sul do país. Era ainda lugar central no abastecimento para Lisboa com as suas vinhas, searas, hortas e marinhas de sal, que as águas ricas em peixe ofereciam. Até quase ao surgimento da Companhia União Fabril (CUF)<sup>11</sup>, a maior parte da população dependia da grande diversidade piscícola que o rio proporcionava, como a lambujinha, o camarão mouro, as ostras e o lingueirão. Esta população vive, por isso, sobretudo da pesca, mas também da moagem, de pequenas oficinas, estaleiros, quintas, fazendas e hortas familiares.

A instalação da indústria dos transportes em 1861 marca um momento de mudança decisivo. Em particular, influenciado pela construção do troço da linha de Caminho-de-Ferro do Sul e Sueste, que finalmente possibilitou o transporte de mercadorias entre Lisboa e o Alentejo: carvão, madeira, sal e vinho, são transportados nos vapores entre as duas margens do rio Tejo. Esta construção, juntamente

<sup>11</sup> A Companhia União Fabril (CUF) é uma empresa portuguesa do sector químico, fundada em 1865, em Lisboa.

com a respectiva estação fluvial, estimulou, assim, um crescente fluxo laboral, proveniente não só do Algarve e Alentejo, como também das Beiras. Atraídos pelas possibilidades de trabalho nas fábricas e de alternativas às más condições de vida, agricultores e trabalhadores rurais viajavam rumo ao Barreiro, “como para um novo Brasil em miniatura” (em *O eco do Barreiro*, 4 de outubro de 1930, em Carmona, 2009). Também as primeiras oficinas viraram o tecido social desta vila – anteriormente constituído por agricultores – formando uma nova comunidade de ferroviários.

A partir desta época, a Vila do Barreiro começa então a ganhar uma centralidade comercial que se continuará a desenvolver mais tarde com o crescimento da indústria corticeira<sup>12</sup>, bem como a indústria da química adubeira. Por isso, na paisagem rural que caracteriza o Barreiro até finais do século XIX, a construção de oficinas e fábricas não se impõe de forma sutil. Segundo Ana Nunes de Almeida (ano), a industrialização no Barreiro afeta mesmo todo o meio rural, e os seus modos de vida agrícola e formas de subsistência mais autônomas praticadas pelos pescadores, sobretudo com a poluição das águas do Tejo<sup>13</sup>. Paralelamente, os terrenos e as quintas, já mediados pela especulação imobiliária, destinavam-se, cada vez mais, a bairros de habitação para os trabalhadores especializados da CUF, e para a construção de fábricas (Nunes de Almeida, 1993, p. 24). Mas se na memória dos operários mais velhos surgem poucas referências aos tempos de agricultura, a vida no mar continuou a ocupar um lugar de destaque nesta paisagem e nos modos de vida de certos grupos da população local.

---

<sup>12</sup> Nas fábricas de cortiça, preparava-se sobretudo cortiça em prancha, rolhas, quadros ou bóias de salvação para exportação e também para o mercado interno.

<sup>13</sup> Os gases vindos das chaminés da CUF e o despejo de resíduos de óleo no rio Tejo são dois dos exemplos mais marcantes do impacto das indústrias no meio ambiente.



**Figura 3** - Percurso ribeirinho perto da Praia do Bico do Mexilhoeiro, Moinho de Maré, onde várias famílias continuam a viver em pequenas casas de pescadores próximas do rio.



Fonte: Sara Aranha, janeiro de 2017.

A construção dos moinhos de vento e o desenvolvimento da indústria das moagens no Barreiro, na primeira metade do século XIX, indicam-nos um momento importante no tecido social e econômico desta vila, mesmo antes da construção dos caminhos-de-ferro. Assim, os moinhos de vento surgem aos já existentes moinhos de maré, produzindo, em média, cerca de 17 toneladas diárias de farinha – fruto do crescimento demográfico e das necessidades de consumo dos moradores locais. Apesar da forte presença das atividades piscatórias, a paisagem rural da pequena e média propriedades, e as grandes quintas de veraneio com vinhas, pomares e searas, são elementos representativos até finais de oitocentos. Exemplo disso são a Quinta Braamcamp, que semeava vastas terras de trigo até se tornar numa importante unidade de fabrico de cortiça. Em 1907, com a instalação da CUF, as novas dinâmicas econômicas do Barreiro vão transformando a paisagem e o tecido da cidade. Armando da Silva Pais escrevia que “já em 1861 que começa a definir a classe piscatória local com o desenvolvimento da indústria dos transportes” (Silva Pais, 1971, p. 13). Ao longo das décadas de ocupação, a CUF tornou-se até, de fato, numa unidade industrial independente, desenvolvendo, paralelamente, uma política de fixação dos operários à fábrica, já antes própria nas fábricas inglesas ao

longo do desenvolvimento industrial - com a construção de padarias, balneários, refeitórios e bairros operários. Com isto, a Vila do Barreiro é marcada por uma atividade industrial em crescimento e por um intenso recrutamento de trabalhadores, muitos deles rurais. Mesmo assim, a vila continua, em parte, a conjugar um quadro econômico interessante, que se caracteriza pelas possibilidades de emprego – quer nas fábricas, dirigidas pela CUF – quer pelas possibilidades de rendimento, dada a sua localização fluvial, constituindo-se como importante fonte de recursos para as comunidades piscatória e agrícola<sup>14</sup>. Todavia, apesar de se observar uma evidente expansão econômica, a falta de matérias-primas, tais como o ferro e o carvão, a baixa instrução da população, a dimensão pequena do mercado interno e o atraso no setor agrícola, terão influenciado o processo desindustrialização no país e, conseqüentemente, na vila. Face a um desaceleramento do desenvolvimento industrial entre 1950 e 1981, o setor terciário ganha, paralelamente, maior destaque, com os serviços cada vez mais evidentes nesta região periférica (apesar das indústrias ainda existentes de refinação de óleos e indústrias químicas, de reparação e construção naval, e de processamento de alimentos importados).

Até a década de 1960, o Barreiro conquistou uma centralidade econômica que foi perdendo lugar ao longo da década de 1970, testemunhando várias conturbações, a começar pela crise petrolífera de 1973 e pela recessão econômica europeia, afetando a estabilidade da economia nacional e o papel do distrito de Setúbal no desenvolvimento do país. Em segundo lugar, a viragem política de 1974 e a nacionalização das indústrias fragilizam, de igual modo, a situação da Margem Sul. A par com este momento, o processo de descolonização acaba por condicionar fortemente o acesso às matérias-primas e aos mercados até então das ex-colônias; a negociação da entrada de Portugal à CEE e a conquista de poder do Partido Comunista trazem consigo períodos que vão alterar a organização do espaço econômico desta região e do país.

Como é possível observar, ao longo dos últimos 125 anos a história do Barreiro é fortemente marcada pela sua dinâmica industrial. As profundas transformações políticas que ocorreram em Portugal na década de 1970, ligadas ao processo de independência das colônias africanas, resultaram num acolhimento de aproximadamente meio milhão de pessoas (Pires et al., 2010 em Malheiros, 2013, p. 30). Só entre 1975 e 1979, o número de residentes oriundos das ex-colônias da África passou de meio milhar para cerca de 20 mil pessoas. A partir de 1980, regista-se ainda um crescimento de 60 mil, no início da década, para cerca de 80 mil, em 1985, “com uma preponderância dos africanos, nomeadamente dos cabo-verdianos que representavam nestes anos mais de 40% do total de estrangeiros em situação regular no país (Malheiros, 2013, p. 31). A adesão de Portugal à CEE, em

---

<sup>14</sup> De fato, o trabalho na fábrica não excluía as situações de pluriatividade e acumulação de rendimentos, com atividades agrícolas familiares ou à pesca artesanal, refletindo uma cumplicidade natural entre estes dois setores.



1986, veio ainda estimular este crescimento. Em relação aos que chegaram à Margem Sul, Jorge Malheiros acrescenta, no seu livro:

“Nota-se uma muito reduzida mobilidade entre os que escolheram as regiões autónomas da Madeira e dos Açores, e a margem Sul da Área Metropolitana de Lisboa como primeiro local de residência após a chegada ao país, pois mais de 96% dos entrevistados residiam nestas regiões no momento de aplicação do inquérito” (Malheiros 2013, p. 73).

Segundo fonte de dados disponibilizados pelo PORDATA (INE, 2011), e comparando com outras cidades vizinhas da Margem Sul com um percurso econômico e social semelhante, a população inativa no Barreiro por 100 ativos (total e por sexo) chegou aos 74,1% (homens) e 95,9% (mulheres), e os desempregados no Barreiro por 100 ativos (total e por sexo) rondou os 18,4% (homens) e 17,9% (mulheres). Neste enquadramento, coloca-se a questão de Keith Hart: quantos residentes é que estarão realmente inativos e desempregados? (Hart, 1973, p. 62). Perante a limitação dos dados estatísticos para compreendermos certos fenômenos da realidade social, esta investigação procurou, pois, documentar aquilo que caracteriza certos percursos de vida e práticas de subsistência entre a formalidade e a informalidade, do trabalho assalariado (*formal/wage earning*) ao trabalho por conta própria (*informal/self-employment*) (Hart, 1973, p. 10).

Observando as dinâmicas de acumulação de trabalhos no contexto do negócio da apanha da amêijoia, entende-se, por isso, que as oportunidades de rendimento informais não são marginais às instituições econômicas e ao Estado, mas sim interligadas com ambos (Narotzky et al., 2006). Não podemos deixar de ter em conta a forma como os sistemas econômicos afetam os termos em que os indivíduos se relacionam uns com os outros. Os percursos de vida aqui observados, argumentamos, mostram-nos formas de sobrevivência coletiva, como diria Anna Tsing (Tsing 2015, p. 25) entre pessoas de etnicidades, culturas e religiões diferentes, mesmo com precariedade.

### **“Colegas sem patrão”: Convivialidades e diversidade**

Judith Butler descreve a precariedade como “the politically induced condition in which certain populations suffer from failing social and economic networks... becoming differentially exposed to injury, violence, and death” (Butler 2009, p. 25 em Shaw e Byler). Mas a precariedade é mais do que a condição dos nossos tempos (Tsing 2015, p. 26). É também reconhecermos a nossa vulnerabilidade perante o mundo e sabermos que dependemos dos outros para sobreviver (Tsing 2015). Compreender a precariedade da vida é, assim, compreender a necessidade de coabitações e de “sociabilities of emplacement”, para usar a expressão de Ayse Çaglar e Nina Glick Schiller (2016, p. 11). Qual, então, a

importância de pensarmos as convivialidades como unidade de análise? Na precariedade do mundo, a entreatajuda e os momentos de encontro ganham um lugar central nas estratégias de vida para lidar com certos constrangimentos. Se, por um lado, a noção de precariedade tem sido pensada como uma consequência das transformações econômicas globais, bem como uma condição social e econômica involuntária, por outro, também podemos olhar para as experiências de precariedade como espaços abertos de encontros improváveis<sup>15</sup>. Neste sentido, julgo que também a apanha da amêijoas no Barreiro nos pode mostrar esta condição de vida “sem emprego”. Mais, mostra-nos que a nossa capacidade para partilhar experiências e colaborações em contextos de incertezas torna-se essencial.

Ninguém teria resumido de forma tão rápida uma opinião pessoal sobre certas experiências de diversidade. Para S., um dos apanhadores, a diversidade é o momento da apanha. Como o próprio refere:

“Se estivermos todos lá ao fundo, é impossível perceberes se aquele é branco ou se o outro é preto... lá do fundo parecemos todos iguais, não é?” [entrevista ao diário de campo, 25 de julho de 2018].

Nota-se, assim, que o fortalecimento dos laços sociais “from commodities to gifts” referidos por Pnina Werbner para descrever a partilha dos recursos e de rendimentos em forma de comida, bebidas e alojamento (Werbner em Rogers, 1995, p. 213), são também perceptíveis entre os apanhadores nas boleias e transporte das amêijoas, na partilha de informação sobre as técnicas e os percursos do negócio ou na solidariedade face à precariedade, ao medo e a situações de pobreza e prisão. Mas, se os laços sociais construídos por trabalhadores migrantes, descritos por Werbner, afirmam uma expansão de redes de amizade e entreatajuda inicialmente construídas em contextos de trocas comerciais que se vão desenvolvendo posteriormente à luz de uma economia de oferta, o que podemos observar a partir das convivialidades emergentes em torno deste negócio é o caráter mais espontâneo destas relações, que servem para manter e estabelecer um estilo de vida dentro de hábitos de consumo, mas também de subsistência. Apesar desta incorporação a um sistema que ao mesmo tempo os empurra para situações de marginalidade estrutural, o que estas sociabilidades revelam é que, apesar do cariz utilitário das dinâmicas comerciais descritas, as trocas não comerciais aqui observadas também se revelam um elemento agregador de interesses comuns e de experiências partilhadas, num contexto de interdependência econômica/comercial. Como poderemos ver, os encontros observados mostram-nos de que forma estas interações podem caracterizar um sistema de troca mais complexo – onde as expectativas sociais são negociadas – e não são apenas trocas

<sup>15</sup> Ver os trabalhos de Baumann, Gerd, 1996; Gilroy, Paul, 2004; Lamphere, 1992; Schiller, Nina Glick, 2016; Tsing, 2015; Wessendorf, 2014.

isoladas entre indivíduos. Neste sentido, argumento que as convivialidades observadas não são limitativas às interações utilitárias. No contexto aqui analisado, a capacidade de pessoas diferentes viverem juntas – ideia partilhada por Richard Sennett a partir da sua noção de “civility” (Sennett, 2005, p. 1 em Wessendorf, 2014, p. 64) – torna-se também, por isso, importante num contexto onde as boas relações sociais são desejadas.

A respeito da importância do estudo das convivialidades, ou, nas palavras de Paul Gilroy, sobre a multiculturalidade (2004), vários autores têm questionado as limitações de uma observação direcionada para o estudo a partir das diferenças entre comunidades étnicas<sup>16</sup>. Como tivemos a oportunidade de desenvolver, estudos como o de Nina Glick Schiller e Aysa Çaglar (2009, 2015) têm contribuído para um debate que põe em evidência como a antropologia pode contestar ideias essencialistas como raça, etnicidade e cultura. Como vimos, as práticas utilizadas por estes apanhadores mostram a multiplicidade de maneiras possíveis de partilhar um cotidiano de trabalho marcado pela instabilidade e dependência de certas redes sociais. O estudo das convivialidades evoca também, por isso, a importância destes encontros que não se limitam a nacionalidades, educação, gênero ou idade. Aqui, todos são apanhadores. E todos relatam alguma história de colaboração – e de que forma esta influencia os seus projetos de vida e lhes aponta novas direções. Consideramos que este viver com os outros numa arena comum marcada pela precariedade relembra-nos a sua capacidade de mudança perante novas situações e de encontrar pontos de contato que lhes permite sobreviver, mesmo com medo.

Neste sentido, observamos que as promessas não resolvidas de desenvolvimento e progresso levam-nos à seguinte questão: quais são as possibilidades e os limites das nossas ações em contextos de ruptura, num mundo regulado pelo capitalismo e assumido por uma economia política global com tantas incertezas? Sherry Ortner mostra-nos que os espaços de autonomia são permanentemente negociados, e que mesmo o poder tem limites. Esta ideia dentro e fora de uma vida social presente e permanentemente recriada (Ortner, 1984 *apud* Pina-Cabral, 2000, p. 872) obriga-nos a trazer estas margens de vida para o centro desta investigação em curso.

### **Considerações finais**

Num contexto económico e social em que a especialização técnica e a escolaridade são muitas vezes de difícil acesso, a inserção no mercado de trabalho global em Portugal representa para muitos uma grande dificuldade. Esta limitação, aliada a uma vontade de alcançar ou manter um determinado

---

<sup>16</sup> Sobre este tema, ver por exemplo Baumann, 1996, Vertovec, 1996, Brettell, 2003, Glick Schiller et al., 2006.

estilo de vida, faz com que estes apanhadores encontrem oportunidades de rendimento que lhes possibilitem encontrar a diversidade de trabalhos necessários para responder às suas necessidades. Mais ainda, num cotidiano marcado pela instabilidade das marés, das condições meteorológicas ou da inconstância das vendas, as relações sociais acabam por fortalecer uma vida mais estável. Assim, procurou-se debater o tema em torno da importância das sociabilidades como unidade de análise onde o recurso à informalidade e à entreatajuda ganham importância central nas estratégias de incorporação social e econômica ou ainda na decisão voluntária de certos modos de vida. Quanto às possibilidades etnográficas dos estudos sobre sociabilidades, Abrahams afirma:

“Enfatizar as características comuns da experiência requer uma redefinição da própria cultura, afastando-se das práticas celebradas, dos comportamentos regulados e obrigatórios das nossas vidas partilhadas, e enfatizando mais a relativa tipicidade do que acontece recorrentemente a indivíduos que se encontram em situações semelhantes.” (1986, p. 60 em Pina-Cabral, 2000, p. 872).

Neste sentido, somos levados a pensar que, se a vida social está constantemente a ser recriada, por que não procurar dar ênfase ao que se constrói de comum quando certos percursos de vida diferentes acabam por se encontrar em vários momentos de precariedade semelhantes? Por isso, o presente artigo procurou ainda repensar a marginalidade e a informalidade não como condições sociais estanques, mas como processos<sup>17</sup>: a marginalidade torna-se aqui, assim, também o centro (Pina-Cabral, 2000).

---

<sup>17</sup> É importante lembrar que se, por um lado, pensar em informalidade pode caracterizar algum tipo de limitação analítica, por outro, pode ser uma ferramenta útil para estudarmos processos de marginalização (Mapril, 2010).

## Referências

- Ancinhos - Instrumento agrícola em forma de pente, usado para limpar ou aplanar terras agrícolas ou ajardinadas. "**ancinho**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.
- Crivo – Espécie de peneira de fio metálico; Gênero de coador. "**crivo**", em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.
- Ganchorra – Saco de rede cuja abertura está ligada a uma estrutura rígida, de forma e dimensões variáveis dotada, na parte inferior, de um painel com ou sem dentes que revolve o fundo. Os bivalves ficam retidos numa espécie de saco ou crivo que permite a saída da água, areia e lodo. "**ganchorra**", em Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimo, Disponível em: <https://www.dgrm.mm.gov.pt/ganchorra>
- Olheiros – Ponto de onde rebenta a água do solo; olho-d'água "**olheiros**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.
- BAUMANN, Gerd. **Contesting Culture: Discourses of Identity in Multi-ethnic London**. The Press Syndicate of the University of Cambridge, University of Amsterdam, 1996.
- BUTLER, J. Performativity, **Precarity and Sexual Politics**. AIBR. Revista de Antropología Iberoamericana 4, i–xiii, 1996.
- CABRAL, João de Pina. **Os contextos da Antropologia**. DIFEL, 1991.
- CABRAL, João de Pina. **A difusão do limiar: margens, hegemonias e contradições**. *Análise Social* 153, 865–892, 2000.
- CARMONA, R. Barreiro: **O Lugar e a História séculos XIV a XVIII**. Junta de Freguesia do Barreiro, 2009.
- GILROY, Paul. **After Empire: Melancholia or Convivial Culture?** Routledg, 2004.
- HART, K. **Informal Income Opportunities and Urban Employment in Ghana**. *The Journal of Modern African Studies* 11, 61-89, 1973.
- MALHEIROS, Jorge Macaísta; ESTEVES, Alina (coords.) . **Diagnóstico da população imigrante em Portugal**. Desafios e potencialidades. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 324 pp, 2013.
- MAPRIL, José. **Banglapara: imigração, negócios e (in)formalidades em Lisboa**. *Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia* 14, 243–26, 2010.
- MAPRIL, José; VIEGAS, Susana de Matos. **Mutualidade e conhecimento etnográfico**. *Etnográfica, Imprevistos e mutualidade: a produção do conhecimento etnográfico em antropologia* 16, 513–524, 2012.
- NAROTZKY, Susana; SMITH, Gavin. **Immediate Struggles : People, Power and Place in Northern Spain**. University of California Press, 2006.
- NUNES DE ALMEIDA, A. **A Fábrica e a Família: Famílias operárias no Barreiro**. Barreiro: Câmara Municipal, 1993.
- PAIS, Armando da Silva. **III O Barreiro Contemporâneo : A Grande e Progressiva Vila Industrial**. Câmara Municipal, 1971.
- ROGERS, A. **The Urban Context: Ethnicity, Social Networks and Situational Analysis**. Berg, 1995.

SCHILLER, Nina Glick; CAGLAR, Ayşe. . **Beyond the ethnic lens:** Locality, globality, and born-again incorporation. *American Ethnologist* 33, 612–633, 2006.

SCHILLER, Nina Glick; CAGLAR, Ayşe. **Towards a Comparative Theory of Locality in Migration Studies:** Migrant Incorporation and City Scale. *Journal of Ethnic and Migration Studies* 35, 177–202, 2009.

TSING, A. **The Mushroom at the End of the World:** On the Possibility of Life in Capitalist Ruins. Princeton University Press, 2015.

WESSENDORF, S. **Commonplace Diversity:** Social Relations in a Super-Diverse Context, 1st ed, *Global Diversities*. Palgrave Macmillan UK, 2014.

Recebido em 20/05/2019 | Aceito em 03/07/2019.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)